

MÁRIO INDEPENDENTE
DIRECTOR-EDITOR
SILVA DA SILVA
admirável, composta
por, Rua de Alportel, 23, 27
Endereço telegráfico
ALGHARF-Faro

ALGARVE

FARO, 28 DE MAIO DE 1922

ANO AGRICOLA IMPOSTOS

cultura saiu já combalida com um mau ano e com os aumentados pelo Es-
timas e Junta Geral em-
prese com o seu capital de
cerceado, mas por um
sobrenatural, preparou
as sementes de inverno e
Agora as favas, ce-
mentas e trigo secam se
a grama, e os milhos
mato, erro e outros legu-
cidas.

Já que se vê, mas os res-
ta da falta de alimentação
da sua depreciação a
do estudo a descer, do
de toda a economia a
per que até as árvores
estão secando os frutos an-
tigamente, denotam um
uso para a agricultura do
digno de se ver e medi-

Citamos um discurso do presi-
dente da feira de Paris em 1921
em que ele diz que tendo aumen-
tado o imposto sobre as indústrias
se tinha deixado muito mais livre
a agricultura.

Senhores financeiros de França,
venham aprender em Portugal
onde não fica livre coisa nenhuma.
Assim, o abandono das cidades
pelos campos, a melhoria das cul-
turas, o bom aproveitamento das
forças naturais, quem as faz em
Portugal? O imposto! Se ele é
um paiz fiscal!

Diz o sabio economista sr. An-
selmo de Andrade: a terra é de
mais, o capital é de menos. Com
os impostos na forma o capital des-
aparece e a terra irá passando
para o Estado. Que bela explora-
ção ele não fará da terra portu-
gueza! Da T. P. E.!

A Alemanha, abarbara como
esta com pagamentos a fazer, não
cria novos impostos, intensifica
apenas os existentes. Um imposto
antigo é quasi sempre um impos-
to bom; um imposto novo é sem-
pre um imposto mau.

A matéria tributável está exgo-
tada. Só a enunciação das propos-
tas de finanças, fizeram descer o
câmbio; a sua efectivação dará
uma queda pavorosa. Não serve
pois de nada sacrificar o contri-
butante, tolher-lhe toda a acção pa-
ra aumentar ordenados. Se se
cobra o díbro e o escudo dese-
de metade sacrifica-se a vida da
nação e o resultado é só pessimo.
A França licenciando 50.000 em-
pregados vai por outro caminho.

Francisco da Piedade Pantoja e
padrinhos os ex.ºs comendadores
Joaquim Filipe Lobo Freire Pan-
toja e Francisco Florido da Cunha Toscano.

Felicitamos os noivos, e apete-
temos-lhes todas as venturas de
que são dignos.

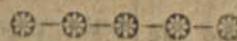
Notícias diversas

S. ex.º rev.º o sr. Bispo da
diocese faz no dia 12 do pro-
ximo mês de junho a sua visita
pastoral a Alvor.

— Afim de visitar alguns esta-
belecimentos de aviação no ex-
trangeiro, foram concedidos 60
dias de licença ao capitão aviador
sr. Olímpio Ferreira Chaves.

— Em Taxas, o povo assaltou
a prisão onde estava um negro
que matara um branco e estran-
giou-o, untando depois o cada-
ver com petróleo, lançando-lhe
fogo.

CREANÇAS



Versos ditos pela actriz senhora
D. Izilda da Vasconcellos na noite
de 23, no Cine-Teatro, no espe-
ctáculo de despedida da Companhia
dramática Emilia d' Oliveira — es-
pectáculo de cujo produto foi parte
offerida ao Asilo de Santa Isabel

Entre a mentira que é tanta
na vida, as cousas mesquinhias,
almas perversas, daminhias
que se encontram, como encanta
o virmos as creancinhas!

Como a nossa alma faz bem
a sua simplicidade,
a candura e a ingenuidade
que tu a vez se contém
até na própria maldade!

Teem no encanto e frescor
e na alegria bendita
que ri, que canta e palpita
como a beleza da flor
e a graça d'uma avesita.

E que poder não existe
n'essa tão santa alegria
que a nós próprios delicia!
Sem elas, como mais triste
o triste mundo seria!

E pensarmos nós que a dor
e a miseria, sem cessar,
vão tantas a torturar!
Que crueldade, Senhor! —
uma creança a penar!

Por isso bendito seja
quem ampara a creancita,
quem a dói e o mal lhe evita!
Bendita a mão que a proteja,
bendita, sempre bendita!

SCHIAPPA ROBY

A "OLHA,"

Muito entalado o grande sabio. A
Olha é uma verdadeira desgraça, um
grande fiasco?

O grande homem apanhado em
flagrante delito de mistificação au-
daz para defender as fantazias do-
vorianas dos seus amigos da esmara
de Faro, que para fins políticos fi-
guraram transformar as águas sujas
ali da doca em luz e força eléctrica,
liquida de um forma lamentável
as suas primitivas fármocas de
ciências engenharia.

E' um grande e autêntico fiasco
da grande ciência de um olho só.

Quando toda a gente esperava
que ele apresentasse, como prometeu
o meio infalível e pratico de tornar
o mar algarvio, uma fonte de ener-
gia aproveitável, quando todos espe-
ravam que ele nos desse como
poderíamos construir esses preciosos
moinhos de felicidade que nos dariam
luz e força motriz a 10 reis o quilo,
atirou ele com a protentos
epopeia da sua heroica travessia
através do misterioso das inver-
tagações livrescas que trazem aos so-
nhadores audazes e crentes que nele
tinham posto os olhos boquibertos,
e suplicantes, a mais terrível
desilusão!

E ele sente-se verdadeiramente
entalado, o sujaz roedor de livros.
E para ver se consegue disfarçar
fiasco tão gigantesco como a sua
gigantesca ciência, para ver se
consegue não sair corrido à batata,
á cebola ou outro qualquer le-
gume obnoxio, conta as suas pes-
quisas, as suas diligências, as suas
suposições que o podiam descrever
dos seus primitivos prometimen-
tos, acabando por apresentar o que
conseguiu descobrir nas aguas tur-
tadas das bibliotecas de todo o mun-
do.

Imagine-se o que teu sido esse
calvário que até o obriga a ele o
sabio das sibíos a recorrer ao auxi-
lio de amigos e conhecidos, ele que
tudo sabe, que tudo lhe e que tudo
espreita!

Se até a ilustra e doce poesia
bucólica da câmara deu o seu con-
curso para essa famosa óde à bens-
merencia que todos devemos aos es-

Impressões de Lisboa

Hoje, cada qual pre-
cisa «duma» virtude ape-
nas: dinheiro; tendo-a,
possue todas as outras.

Wertheimer

Constatata o «Diário de Noti-
cias», com grande espanto, a so-
ma de crimes que por ali an-
dam a solta, mercê da extraordi-
nária e incompreensível tolerância
das autoridades e do governo. E
o colega, a quem por vezes a
consciência acorda, não tem cora-
gem para proclamar bem alto es-
ta verdade: a culpa pertence só
áqueles que ensaiando o povo
entre os ferros dum régimen de
intolerância, tem desviado do
nosso meio os factores que po-
diam concorrer para a nossa mo-
ralização e para a nossa disciplina.
Bem ao contrario, ele tem sido

uma peia a tudo quanto é nobre e
justo.

E a propósito: como vai o
Concurso da mulher bonita e os
filhos policiais? O colega fazia
bem em prosseguir na propaganda
destes meios educativos...

Não ha agua em Lisboa!,
grita «O Mundo».

E pede para tal providencias ao
governo.

Pois quê? o colega pensa que
o ministerio é constituido de...
aguadeiros?

Gomes Teixeira realiza, sem
alardes, na nação vizinha e amiga,
a mais bela obra patriótica.

Donde se conclue que de Hes-
panha também pode vir bom ven-
to e bom casamento. A questão
é mandarmos para lá gente digna
do nome de portuguez.

Lisboa sufo a num calor ter-
ivel. Enchem se os cafés, as
leitorias, pastelarias, à caça de
refrescos. E assim, refrescados,
vamos esperando, com uma pa-
ciencia toda portuguesa, as tais
propostas de finanças que, ao
que nos dizem, nem o coto das
algeiras deixam ficar.

Vejo no «Correio do Sul» a
caricatura do Caetano de Sousa.
Sempre supus que a amizade
do sr. Sancha, lhe daria um nar-
ris mais pequeno e um «barrete»
mais decente.

... mas aquilo será realmente
Caetano de Sousa?

Quem souber... que advihi,
que nos temos mais que fa-
zer.

Luis de Camões

Per iniciativa do Instituto Ar-
queológico do Algarve, com sede
nesta cidade, deve realzar-se no
dia 10 do proximo mês de Junho
aniversario da morte do imortal
Poeta dos Lusiadas, uma sessão
solene em que usarão da palavra
em honra do grande Épico, al-
guns membros do Instituto e ou-
tros oradores desta cidade.

A sessão deverá realizar-se na
sala da Biblioteca Municipal gen-
timente cedida para esse fim pela
ilustre vereação farense.

fazendo edis que telliam os desti-
nos e os diñhos do município a
calcarea ou bronzea consagração
das estatuas comemorativas!

A referência lá está feita como
quem confere «grande comenda da
Legião de Honra».

— Ainda bem que a mais alta
ciencia regional da briga a mais

ilustre posséssia municipal num gesto
da mais adorável confraternização

regional, dizes o Eugénio ao ler a
prosa elegante, nervosa e científica

de seu grande enciclopédico.

Les beaux esprits se rencontrent dis-
se um qualque francez e está certo

Mas apesar de todo esse atxilho
de amigos e conhecidos, de todas as
palmas de um claque dedicada e
entusiasta, a grande ciencia de um

olho só de ciencia nas duas prolixas
explorações que ninguém podia

os escrúculos incóvenientes de uma
consteiencia inquieta. E' que ela sen-
te que não cumprir o que promete-
ra e que o não poderá fazer porque

os verdadeiros engenheiros em Por-
tugal estão em branco e os outros,

os meios engenheiros e os falsos en-
genheiros, estão de presto por dé-
traz de incôvenientes e houríveis

interesses tenebrosos que ele a seu

tempo explicará e denunciaria ás

muitidões inquietas embora a cohos-
te ignobil tumba de passar sobre o

seu cadaver!

Pós intd cumi!

O ALGARVE vende se em Lis-
boa na Casa dos Postaes, Rua do
Arsenal, 118.

liosissimos serviços presta os pela
be emerita Academia minhota a
Arts, & Scienças e ao País.

Quico da mesma data e do
mesmo Instituto Histórico, comuni-
cando ter apreciado em sua sessão
de 30 de Janeiro o Relatório dos
Trabalhos do Instituto Arqueológico,
e votado uma satisfação ao seu
congrado do Algarve.

Do mesmo benemerito Instituto
foram recebidos exemplares da «Au-
tor do Lima», inserido relatos das
sua sessões, notícias e artigos dos
seus velhos seixos serviços à ciencia
e bem assim um trabalho do
seu ilustre Secretário Perpetuo sr.

Julio de Lemos, intitulado «O In-
stituto Histórico do Minho e os seus
destratores», em que o brilhante pu-
blicista e académico faz a justa elo-
gio daquela beneminta Academia,

enumerando alguns dos seus muitos
e valiosissimos trabalhos, a par
de significativos aplausos e louvo-
res que da parte de distinados co-
lectividades científicas e literárias
estrangeiras lhe são fre-
quentemente dirigidos.

Do Instituto Etnológico da Beira
receberam-se exemplares dos periódicos «Jornal da Beira» e «No-
tícias da Beira», com relatos dos
seus valiosos trabalhos académicos.

Da Redação do «Correio
Olahense» teve-se recebido com
regularidade os numeros destes bri-
llantes seminários, inserindo artigos
e notícias que multíssimo interessam
ao País e especialmente a esta pro-
víncia a que o distinto jornal de
Olão está prestado os mais apre-
ciáveis serviços.

Resoluções:
Em conformidade com a delibe-
ração tomada em sua sessão de 28
de agosto do anno anterior, a con-
vite da doutíssima Academia de
Scienças de Portugal feito em seu
óficio nº 881 de 24 de Julho, re-
solvem o Instituto comemorar a data

de 10 de Junho realizando uma
sessão solene exclusivamente dedi-
cada a Luis de Camões, mortal o
autor das glórias nárricas, a qual

deve efectuar-se na Biblioteca Mu-
nicipal, que a digníssima Camara
gentilmente pôs à disposição do In-
stituto.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Está em Buenos Ayres o barítono sr. Alfredo Mascarenhas.

Retirou para Lisboa o capitão de artilharia sr. Alexandre Correia Leal, que aqui esteve alguns dias de visita a seus pais.

Encontra-se em Monchique o sr. dr. José Gomes da Costa, recentemente nomeado delegado do procurador da República naquela comarca. O sr. Gomes da Costa exerceu há pouco o cargo de administrador do concelho de Alportel.

Com sua família partiu para Lisboa o sr. Jaime Barros Leça da Vega, que dali já regressou.

Estiveram nesta cidade os srs. José Antonio Marques Guerreiro e Alírio de Vasconcelos Almeida Carvalho, de Portimão.

A sua casa na Mexilhoeira da Garregação regressaram de Lisboa o sr. José Joaquim Cardoso, esposo e filha.

Esteve em Faro o sr. Joaquim C. Rimalhete, de Lisboa.

Regressou de Lisboa à Praia da Rocha a sr. D. Guinomar Paiva de Andrade.

Regresso de Evora a esposa e filhos do sr. Francisco Rosado Victoria.

Com sua filha sr. D. Maria Isabel, partiu na quarta feira para Lisboa a sr. D. Maria Antónia Cunha Júdice Fialho.

Regressou do estrangeiro na quarta feira o sr. M. J. Salgadinho Junior.

De Lisboa regressaram a Portimão, o sr. Alberto Ribeiro de Azevedo e D. Maria José Azevedo.

Foi a Lisboa o engenheiro director das obras públicas desse distrito, sr. António Caeiro Rico.

O capitão sr. Miguel Blanco, sua esposa e filho regressaram na sexta feira de Portimão.

Da sua viagem ao estrangeiro regressam hoje a Faro o nosso colega sr. Francisco Guerreiro Barros e o sr. João Machado Vaz Velho.

Regressou de Lisboa o tenente da armada sr. Sebastião José da Costa.

título para tão louvável fin, e em que deveção, usar da palavra alem de alguns membros do Instituto, outras individualidades de destaque nessa cidade.

Resolveu o Instituto as ocasiões a quaisquer manifestações que a cidadade intenda dever prestar aos heróicos avadores das traves da Atântico srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Equalmente foi libertado que o Instituto aderisse a solenissima e grandiosa homenagem que se projeta prestar a sua Excelência o sr. Cardeal do Patriarcado atgo e benemerito Prelado desta Diocese, comemorando o seu 80º aniversário natalício que passa no dia 18 de julho próximo.

Esta deliberação foi tomada, levantando-se os sócios presentes, em sinal da maior veneração que todos profalam pelo seu grande chefe da Igreja Lusitana, um dos mais benemeritos colaboradores de Monsenhor Condego Botelho na organização do Museu Arqueológico Infante D. Henrique, desta cidade.

Propôs ainda o sr. Presidente e foi aprovado por unanimidade num voto de profundo pesar pelo falecimento do ilustre cidadão faricense, sr. João da Silva Neto, filho extremosíssimo do ilustre vice Presidente do Instituto, sr. Comendador Ferreira Neto, um dos cavaleiros mais estimáveis da nossa sociedade, que o malgrado moço soube sempre honrar com a inteireza do seu caráter, e os primores da sua educação.

CINE-TEATRO

A matinée de domingo último

A comissão promotora da festa da fôr ultimamente realizada, como complemento da sua obra caritativa, promoveu no Cine-Teatro, no ultimo domingo, uma matinée cujo produto reverteu para a Sociedade da Cruz Vermelha e para o Asilo de Santa Izabel.

Foi uma linda festa não sómente pelos seus intuito como também pelo programa — verdadeiro programa de arte que com veracidade arte foi cumprido por todas as pessoas que para ele deram o seu concurso.

Antes do inicio do espectáculo o sr. tenente Caetano de Souza fez uma breve allocução dizendo os fins da festa e fui ando a necessidade que existe de por meio de espetáculos auxiliar o hospital de Faro e as demais instituições de beneficencia da cidade

que com tantas dificuldades lutam.

O Algarve manifesta o seu incondicional acordo às palavras do sr. Caetano de Souza e declara mais uma vez que está pronto a auxiliar quanto possa toda e qualquer iniciativa que nesse sentido se apresente.

Iniciou-se o espectáculo por recitação de poesias pelos srs. Alvaro de Lemos, Armando Cassanova, Caetano de Souza, Dias Monteiro e José Matos depois do que se fizeram ouvir em duas peças para violinos e piano Mademoiselle Judith Freire e os srs. José Ferreira de Souza e Rebelo Neves.

A banda do regimento de infantaria 4 executou em seguida, sob a regência do seu novo chefe duas peças de concerto e após uma demonstração de box por discípulos dos srs. Guita e Costa efectuou-se a representação do episódio em verso «Sacrifício de enfermeira» escrito expressamente para esta festa pelo sr. Caetano de Souza e que foi desempenhado por Mademoiselle Albertina Cunha e pelos srs. Alfredo Ferreira e Alva de Lemos.

O sr. Caetano de Souza é um poeta cheio de coração e de sentimento e esta sua produção escrita se nã pretensões e que se representa nuns curtos vinte minutos encanta e seduz exactamente pela sua simplicidade e pelo muito que tem de coração. São algumas das suas de lindos versos cheios de perfume e de beleza constituinte uma obra que se deve classificar um mimo.

Concorreu para o grande agrado do que despertou o «Sacrifício de enfermeira» o seu desempenho muito bom especialmente por parte de Mademoiselle Albertina Cunha cujo talento de *disease* é bem conhecido.

Foi, repetimos, uma linda festa.

Companhia dramática Emilia d'Oliveira

Despediu-se na terça feira do público de Faro esta companhia dando-nos a representação da expedição da peça de Bernstein «Os Ladrões» traduzida pelo sr. Eduardo de Noronha para a companhia do Teatro D. Amelia de Lisboa.

Poucas pessoas das que se interessam por causas de teatro haverá que não conheçam esta peça tanta tem sido as suas representações em Lisboa e nas províncias por companhias em tournée.

Peça em que os sentimentos mais diversos se debatem numa luta enorme, essa luta a um segundo e no terceiro acto uma intensidade culminante com manifestações tais e tão diversas e com cambiantes tão exóticos e subitões que exigem para a representação dos seus dois principais personagens, — Maria Luiza e Ricardo — dois verdadeiros artistas.

Foram eles agora desempenhados por Emilia d'Oliveira e Abílio Alves o seu trabalho obteve um geral agrado.

Na cena capital da peça que é todo o segundo acto no difícil diálogo com o marido, Emilia d'Oliveira foi uma soberba Maria Luiza dando-nos, toda a verdade na defesa da sua culpa, na sua revolta, no seu sofrimento, na sua humilhação e na sua paz. No terceiro acto, em todas as cenas manteve sempre o mesmo realce de detalhes que provocou os maiores aplausos.

Abílio Alves é um novo em teatro e embora n' *Fédora* se tivesse já demonstrado actor com merecimentos, receavamos que não vencesse tanto as enormes dificuldades do papel de Ricardo Voisin.

Não esperámos tanto e com prazer confessámos ter nos surpreendido o correctíssimo desempenho que deu ao seu personagem. Interpretou-o com alma e com paixão.

O papel de Fernando Lagarde foi feito por O. Lino Braga de quem não desagrado o trabalho e Pereira da Silva agradou-nos no detetive *Gondoin*.

Emilia d'Oliveira dedcou este seu espectáculo de despedida ás senhoras de Faro e ofereceu parte da sua receita líquida para o cofre do Asilo de Santa Izabel.

Finda a representação de «Os Ladrões» a actriz Izilda de Vasconcelos veio dizer — e muito bem — «As creanças», versos de Eça de Queiroz e Emilia d'Oliveira e Abílio Alves disseram a poesia dramática «A Rua», sendo todos muito ovacionados.

No intervalo do primeiro para o segundo acto as actrizes Emilia d'Oliveira e Izilda de Vasconcelos fizeram entre os espectadores uma querer também para o Asilo de Santa Izabel.

A companhia Emilia d'Oliveira retirou na quarta feira para Setúbal devendo representar hoje em Moura.

NECROLOGIA

Faleceu em Portimão, com 53 anos de idade o sr. Luiz Quintino de Avelar, despachante aduaneiro e agente de várias empresas de navegação.

A morte do sr. Quintino de Avelar foi muito sentida em Portimão, onde gozava de estima geral.

Agradeçoamento

José dos Reis Queiroz e sua esposa Emilia Augusta Sant'Ana Queiroz e família vêm por este meio agradecer o seu mais profundo reconhecimento de gratidão a todas as pessoas que com a sua maior assiduidade se interessaram pelas melhorias da sua muito inesquecida filha, que Deus foi servido levar para o Descanso Eterno, e as que até ali a acompanharam.

ANUNCIO

Alfredo de Vasconcelos Carvalho de Almeida na qualidade de sócio gerente da firma comercial J. B. S. Castel-Branco Ltd., estableceu em Portimão, anúncio em cumprimento do disposto no 2º do artigo 6º do Decreto de 21 de outubro de 1863, que requerem na Administração deste concelho licença para estabelecer um depósito de gazoína, petróleo e carbeto de calcio com um armazém situado na Rua Dr. Cândido dos Reis, em Portimão, confronto do nascente com a da rua, do norte com predio dos herdeiros de João Francisco Barbudo, do poente e sul com predio do dr. Luiz Júdice Pargana.

Como este estabelecimento se acha compreendido no 1º classe da Tabela anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863 por virtude do disposto no decreto de 24 de dezembro de 1903, consoante o convéniente de «Risco de incêndio», são convidadas as autoridades públicas, chefes e gerentes de qualquer estabelecimento e todas as pessoas interessadas, a apresentar por escrito perante o Administrador deste Concelho, no prazo de 30 dias a contar da data em que os editos forem fixados (20 do corrente mês) qualquer motivo legal de oposição que tiverem contra a concessão da licença requerida. Administração do Concelho de Portimão, vinte de maio de mil e novecentos e vinte e dois. Eu José Paulo dos Santos Sampaio secretário que o escrevi.

João Pio da Silva Calapez Verifiquei a exactidão O Administrador do Concelho João Pio da Silva Calapez

Revogação de mandato

Para os dívidos cf. os se faz público que Gertrudes Rosa, dona-moradora no seu dos Machados, freguesia de S. Brás de Alportel, concelho de Faro, por notificação realizada em 15 de fevereiro de 1922, revogou todos os poderes que havia conferido a seu marido, José Aníonio, proprietário, morador no sítio referido, na praça da Vila de Alportel, interior da Vila de Alportel, vereador.

O Advogado da interessada, Joaquim Rita da Palma

ANUNCIO

Segundo publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Faro, cartório do 4º ofício e no inventário por falecimento de Francisco Viegas Charneca, de S. Romão, freguesia de S. Brás, correm editos de 30 dias citando Manoel Viegas Charneca, José Viegas Charneca e mulher Francisco Viegas Charneca, suzesentes em parte incerta da República, a quem para todos os tempos até final do mesmo.

Faro, 13 de maio de 1922.
O escrivão do 4º ofício,
Juão António Baptista Sequeira.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Costa Torres.

O sr. José dos Santos Machado
EA
Companhia de Electricidade
de Faro

O sr. José dos Santos Machado, proprietário da Agua que a cidade de Faro consome na sua maior parte, e fornecedor de água que a Companhia de Electricidade de Faro utiliza, pôr direito garantido em escritura lavrada nas notas do notário de Lisboa Tavares de Carvalha, com data de 24 de Maio de 1915, responde-nos, numa espécie de manifesto, ao aviso que há dias fizemos ao público desta cidade e no qual procuravam explicar as causas de algumas interrupções que tem sofrido o nosso serviço de iluminação pública e particular.

A especie de manifesto do sr. Machado está cheia de insinuações. Passamos sobre todas elas a nossa indiferença, porque entendemos ser pouco decoroso o sistema de vir a público embrulhar questões privadas e interesses e direitos com fraseologia equívoca, de intenções reservadas e propositalmente confusas.

A questão, clara e explícita, é esta — a Companhia de Electricidade não pode produzir energia faltando-lhe a água e o sr. José dos Santos Machado é, por compromisso assumido em escritura, o fornecedor dessa água.

O sr. Machado distorce a verdade quando quer insinuar que se obrigou a fornecer a água para duas máquinas. E se não vemos a clausula da escritura:

No referido predio (a propriedade rural denominada o Aviário) pertencente aos primeiros outorgantes (os srs. Thomaz Machado e José dos Santos Machado) fica constituída, em proveito da Companhia de Electricidade de Faro, uma servidão temporária para o uso das duas máquinas. E se não vemos a clausula da escritura:

Esta servidão tem por fim a utilização pela e manutenção da Electricidade de Faro de toda a água do Aviário para o Bom João de que a mesma companhia carecer no seu referido predio para a instalação productora de energia eléctrica fabricação de gelo.

Percebe-nos que o sr. Machado usa óculos de aumentar, pois só assim podíamos ver que no contrato a que se obrigou havia qualquer alusão à capacidade da Central Electrica de Faro, uma servidão temporária para o uso das duas máquinas para a constituição do Aviário uma servidão para a Companhia de Electricidade de Faro, para que este utilizasse na sua fabrica toda a água de que necessitasse para produzir energia eléctrica e gelo. E a clausula que fazia transcrição vê o público que não é verdade a primeira afirmação do manifesto do sr. Machado. E se o sr. Machado se obriga a constituir no Aviário uma servidão para a Companhia de Electricidade de Faro, para que este utilizasse na sua fabrica toda a água de que necessitasse para produzir energia eléctrica e gelo. E tocar à segunda afirmação de que o nosso consumo cada dia é maior, só basta dizer que esta central não trabalha mais que de noite e anteriormente trabalhava também de dia para dar energia aos seus clientes de industria, o que já não sucede faz ano e meio que suprimimos esse serviço e ademas trabalhavamo sempre com as duas máquinas a vapor, que qualquer técnico sabe consumem muitas mais quantidades de água que não o motor a gás como o qual trabalhamos a maior parte da noite e consome muito pouca no seu gerador de gás. Parece que os condensadores é falso que se consuma água do aviário, facilmente podemos demonstrar que temos montada nesta Central uma bomba móvida por um motor eléctrico só exclusivamente para tirar a água que nos é preciso para os ditos condensadores água esta salgada e extraída pela

Facilmente podemos demonstrar, que sem ser essa nossa obrigação como já fica claramente exposto, que existem nesta Central 3 depósitos para diversos serviços das nossas máquinas e que graças a eles temos podido vencer as constantes faltas de água que sobre tudo fazem ocorrido, sem que de nada valessem as nossas reclamações para que acabassem com paciencia sofrendo os prejuízos que isto nos ocasiona e que no sucesso não estamos dispostos a sofrer, no uso dum legitimo direito. Isto é que é. Isto é que é a verdade.

Mas temos mais ainda o sr. Machado se obrigou a isto cuja importância os leitores avaliarão devidamente.

Os primeiros outorgantes poderão tirar ramais para casas particulares, Reservando-se o direito desses ramais a serem cartados quando se tornem prejudiciais nos serviços da Companhia de Electricidade.

Esta será previamente consultada para a determinação

de diâmetro da tubulação, empregar, podendo quando pelo numero mais ou pelo diâmetro reconheça a ligação.

Então onde é que o sr. Machado viu a legitimidade de vender água com prejuízo da Companhia de Electricidade? O sr. Machado deveria o mesmo que o público de, perante a explanação e verdadeira dos factos tem a obrigação de dizer que contractou, assim honra a assinatura na escritura que foi lavrada.

E ficamos por aqui, com a declaração só: A Companhia de Electricidade não deve dizer o sr. Machado, que seja passado por seu interesse, quer que seja passado por seus interesses, pondendo em conflito com os interesses do público.

A Companhia de Electricidade para ter água regular para seu consumo, contracotou gastando o sr. Machado, fazendo a sua custa a canalização e a ligação interior no Aviário para a elevação da agua.

Mas quais as vantagens do sr. Machado, perguntará o público?

Ter agua no posto que instalou na rua do Pé da Cruz, o que lhe permitia grandes facilidades na venda ao público e um melhor aproveitamento dos seus serviços de exploração de aguas.

Isto é, o sr. Machado não deu esmolas nem fez favores à Companhia de Electricidade. Fez um contrato, com vantagens reciprocas.

Mas na sua especie de manifesto ainda o sr. Machado ilude o público pretendendo desvendar de si as responsabilidades em que incorre pela falta de agua na sua fabrica. E para isso afirma que nós é que temos a culpa, devíramos construir um ou mais depósitos para estarmos a abrigar daí que o sr. Machado ingenuamente chama eventualidades.

Falta à verdade o sr. Machado. Não somos nós quem temos que ocorrer ás tais eventualidades. O sr. Machado é que tem essa obrigação.

Vejamos a escritura.

Os primeiros outorgantes (o sr. Machado...) ficam mais obrigados a fornecer a Companhia a agua a que se refere o artigo segundo fazendo a entrar na tubagem que deverá ter sempre em carga permanente e a construir no seu predio (no Aviário) um ou mais depósitos com capacidade não inferior a 45 metros cúbicos e a conservar esses depósitos sempre cheios para poder ocorrer a qualquer eventualidade.

Facilmente podemos demonstrar, que sem ser essa nossa obrigação como já fica claramente exposto, que existem nesta Central 3 depósitos para diversos serviços das nossas máquinas e que graças a eles temos podido vencer as constantes faltas de agua que sobre tudo fazem ocorrido, sem que de nada valessem as nossas reclamações para que acabassem com paciencia sofrendo os prejuízos que isto nos ocasiona e que no sucesso não estamos dispostos a sofr